

SENTIDOS DA RESISTÊNCIA: O DISCURSO TESTEMUNHAL NO ESPAÇO DIGITAL

Agnaldo Almeida¹

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), são publicados e, posteriormente, analisados em diferentes campos do saber, como o dos Estudos Literários, como *literatura de testemunho*, fortes e comoventes textos (autobiografia, diário, carta, entrevista, etc.) de *teor testemunhal* produzidos sobreviventes dos horrores dos campos de concentração da Alemanha Nazista (1933-1945). Um deles é Primo Levi, para quem “a necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (Levi, [1947] 1988, p. 8).

De sua vasta obra, podemos destacar os títulos *Se É isto um homem?* (1947), *A trégua* (1963), *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas* (1986), textos nos quais o sujeito-sobrevivente busca formular um memorável, isto é, uma tentativa de “construir bordas simbólicas para o real, sem, contudo, poder dizê-lo totalmente”, com diz-nos Mariani (2021, p. 105), que define o testemunho como “dizeres que se configuram como necessários e emergenciais, urgentes para sujeitos afetados em suas vidas por uma violência imposta” (Mariani, 2021, p. 20).

Como um trabalho de elaborar e narrar traumas sociais, o *testemunho*, consoante Márcio Seligmann-Silva (2012, p. 103), “é uma tentativa de se escovar a história a contrapelo, abrindo espaço para aquilo que normalmente permanece esquecido, recalcado e legado a um segundo (ou último) plano”. Os textos citados, e tantos outros, são fios do *discurso testemunhal*, aqui entendido como o(s) dizer(es) de vítimas/sobreviventes a acontecimentos históricos traumáticos, como o Holocausto, na Alemanha, e a Ditadura Militar, no Brasil; mas também daqueles que sobrevive(ra)m às inúmeras situações cotidianas de opressão, violência e vulnerabilidade que atingem, traumática e incessantemente, os sujeitos da/na sociedade contemporânea, como a miséria, a migração involuntária, o genocídio, a violência sexual etc.

Nessa perspectiva, no bojo do projeto de cooperação internacional e interinstitucional *Témoignage et discours de résistance: un point de vue multidisciplinaire, au croisement des sciences du langage* (*Testemunho e discursos de resistência: um olhar multidisciplinar no cruzamento das ciências da linguagem*), coordenado pelas professoras e pesquisadoras Glaucia Muniz P. Lara, do Núcleo de Análise do Discurso, da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), e Béatrice Turpin, do Centro de Pesquisa LT2D (Léxico, Textos, Discursos, Dicionários), da Universidade de Cergy-Pontoise (França), este texto tem como objetivo apresentar o nosso projeto de pesquisa de residência pós-doutoral *Sentidos da resistência: o discurso testemunhal no espaço digital* em desenvolvimento, no período de fevereiro de 2023 a janeiro de

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: agn.al@icloud.com.

2024, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob supervisão da Profa. Dra. Gláucia Muniz P. Lara². Nele, temos como objetivo central *compreender o discurso de testemunho no espaço digital*, sustentando-nos no quadro epistemológico da Análise do Discurso (materialista)³.

A especificidade desta pesquisa, a nosso ver, incide em: (1) (re)discutir, como um gesto de resistência, a noção de testemunho no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, considerando-o em sua materialidade discursiva, em seus efeitos de sentido produzidos por/para sujeitos inscritos em processos sócio-histórico-ideológicos de (res)significação do dizer; (2) e, além disto, refletir sobre a constituição, a formulação e a circulação do testemunho em um espaço do dizer(-se) específico, com suas demandas e injeções, o espaço digital, o que estamos denominando de *discurso digital testemunhal de resistência*.

Desse modo, a sua implementação busca contribuir do ponto de vista teórico e analítico para os estudos sobre o testemunho. Teoricamente, porque ela pretende tematizar, questionar, tensionar a noção de testemunho e, conjuntamente, a de resistência, a partir da ótica da Análise do Discurso, situando-as em relação a caros conceitos a esse campo do saber, como: arquivo, interdiscurso, intradiscurso (fio do dizer), memória metálica, ideologia, formação discursiva e ideológica, autoria, narratividade. Analiticamente, ao considerar a produção desse modo dizer-se (o testemunho) no espaço digital, tendo em vista que o discurso digital nativo, de acordo com Marie-Anne Paveau (2021), com seu modo particular de composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade, exige o repensar do instrumental teórico e metodológico da Análise do Discurso. A essa demanda, acrescenta-se aqui a necessidade de (re)pensar o funcionamento do texto e do discurso de testemunho, nessas condições, visto que o digital apresenta, desde sua origem, injeções aos sujeitos e aos textos nele imersos.

A título de exemplo, no espaço digital, uma questão que se impõe é o uso de hashtag (#), que agrupa um conjunto de textos que a menciona, construindo fios (d)e discursos. Em 2018, umas das mais utilizadas nas redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter) foi o #MeToo (Eu também). Em pelo menos 196 países, ela acompanhou relatos (testemunhos) de mulheres que sofreram, traumáticamente, violência sexual no ambiente doméstico e/ou profissional. Para Tarana Burke, uma das fundadoras do movimento, “Estamos fazendo isso a partir de uma estrutura que é central para os *sobreviventes* e para garantir que os *mais marginalizados entre os sobreviventes* tenham acesso a recursos que os ajudarão a *atravessar a*

² A apresentação deste trabalho no XI Seminário de Estudos em Análise do Discurso contou com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Polissêmico, o termo *Análise do Discurso* refere-se, geralmente, aos estudos que, pela via da linguagem, se ocupam da análise dos efeitos de sentidos praticados por/entre sujeitos pela formulação de dizeres e filiação a determinadas redes de discursos. Sendo uma disciplina de entremeio desde sua constituição, na década de 1960, adotaremos como base de sustentação de nossas reflexões o viés chamado de “materialista” ou de filiação ao pensamento de Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

jornada humana” (Burke *apud* Langone, 2018, tradução nossa).⁴ Logo, considerando que os textos se encontram “emaranhados” pela hashtag, no espaço digital, haveria, então, a construção de um *testemunho coletivo*, que se tornou possível (ou facilitado) pelo surgimento das redes sociais?

Um dos fundamentos da Análise do Discurso é que, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é instado a interpretá-lo, significá-lo (O que *x* quer dizer?). Entendida como um gesto, um ato no nível simbólico (Orlandi, 2012a; Pêcheux, 2010a), porém, a interpretação aparece ao sujeito como um sentido já lá, evidente, pois a ideologia produz o efeito de naturalização do sentido (*X* só pode significar isso). Ela, afirma Orlandi (2012b, p. 31), “é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história e seus mecanismos imaginários”. Ao dizer(-se), portanto, o sujeito se inscreve em redes de sentidos estabelecidas no/pelo interdiscurso, o qual se define pela “estratificação de enunciados já feitos e esquecidos que constituem nossa memória de dizer”, atravessada pelo imaginário e estruturada pelo esquecimento (Orlandi, 2017, p. 24).

No entanto, ao passo que a ideologia (re)produz o efeito de naturalização e estabilização de sentidos, por ser um ritual com falhas (Pêcheux, 2012), ao formular um dizer, há sempre a possibilidade de o sujeito promover deslizamentos e derivas de um sentido para outros (possíveis em dadas conjunturas). Isto porque a memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (Pêcheux, 2010b). Assim, nas brechas e falhas do processo de interpelação do sujeito pela ideologia, pela sua identificação a uma formação discursiva (Pêcheux, 2009), é possível a produção do efeito de resistência, noção cara a essa pesquisa, para compreender o funcionamento do discurso testemunhal no espaço digital.

Pêcheux, no texto “Só a causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” (2009), afirma que “não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar’ se revoltar” (Pêcheux, 2009, p. 281). No mesmo texto e em “Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes” (2014), o autor argumenta que a resistência e a revolta podem ser entendidas como “formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de outra ordem’, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio” (Pêcheux, 2009, p. 278). Para ele, a possibilidade de revolta se sustenta “na existência de uma divisão do sujeito, inscrito no simbólico” (Pêcheux, 2014, p. 18).

Dessa forma, o gesto de interpretação é necessário “porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (Orlandi, 2012b, p. 18). O sujeito, assim, tanto pode (re)produzir dizeres e saberes próprios da formação discursiva e ideológica com a qual se identifica, como promover deslizes, deslocamentos, rupturas: revoltar-se e resistir aos sentidos no/pelo discurso.

⁴ No original: “We are doing it from a framework that’s central to survivors, and to make sure the most that marginalized among survivors have access to resources that will help them cross the human journey”.

Não menos importante à pesquisa é a questão da análise do discurso digital, definida por Paveau (2021, p. 57) como a “descrição e análise do funcionamento das produções linguageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos linguageiros e não linguageiros dos enunciados elaborados”. A pesquisadora cunha o termo *discurso digital nativo* para “o conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita” (Paveau, 2021, p. 28), apresentando seis características: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade.

Em linhas gerais, Paveau (2021, p. 33) mostra-nos que os discursos digitais nativos interrogam a própria natureza da linguagem e suas manifestações: on-line, “a produção linguageira *na* máquina é, na verdade, uma produção *da* máquina”. A relacionalidade, por exemplo, diz respeito ao fato de que os discursos digitais nativos são todos materialmente interligados (todo enunciado on-line pode ser pesquisado e localizado por meio de ferramentas como buscadores, além de ter uma forma única, subjetiva e compósita, determinada pelos parâmetros de navegação, leitura, escrita e sociabilidade). A isto, Dias (2015, 2018) acrescenta a problemática da constituição do arquivo/*corpus* que o discurso digital institui aos analistas, haja vista sua heterogeneidade, temporalidade, instabilidade, dimensão e autoria.

Especificamente em relação ao testemunho, áreas do conhecimento como a História, a Sociologia e a Filosofia, ele tem sido teorizado e analisado de diferentes maneiras. Entre elas, é possível destacar as dos filósofos Giorgio Agamben (2008) e Paul Ricoeur (2007). De acordo com o primeiro,

Em oposição ao *arquivo*, que designa o sistema das relações entre o não dito e o dito, denominamos *testemunho* o sistema das relações entre o dentro e o fora da *langue*, entre o dizível e o não dizível em toda língua – ou seja, entre uma potência de dizer e a sua existência, entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer. [...] O testemunho é uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar. Os dois movimentos não podem nem identificar-se em um sujeito ou em uma consciência, nem sequer separar-se em duas substâncias incomunicáveis. Esta indivisível intimidade é o testemunho (Agamben, 2008, p. 146).

Por sua vez, Ricoeur (2007) argumenta que, com o testemunho, “inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (Ricoeur, 2007, p. 170). Para o autor,

O testemunho tem várias utilidades: o arquivamento em vista da consulta por historiadores é somente uma delas, para além da prática do testemunho na vida cotidiana e paralelamente a seu uso judicial sancionado pela sentença de um tribunal. Além disso, no próprio interior da esfera histórica o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos, ela ressurge no fim do percurso epistemológico no nível da *representação do passado por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagem* (Ricoeur, 2007, p. 170, grifo nosso).

No campo dos estudos literários, também há diferentes reflexões em torno da noção de testemunho a partir da chamada *literatura de testemunho*, citada anteriormente. No Brasil, são representativos os trabalhos de Seligmann-Silva (2003, 2005, 2022), para quem o testemunho (a realidade) e a ficção se atravessam, se emaranham, mas não se anulam, cabendo ao leitor lidar com essa tênue fronteira; e de Salgueiro (2012, 2018), que se dedica ao estudo do que denomina “poesia de testemunho”, isto é, a produção poética de cunho testemunhal que tematiza/reflete sobre alguma situação traumática ou catastrófica, individual ou coletiva, e de “testemunho solidário”, cujo registro não se atém àqueles que viveram e sobreviveram o acontecimento histórico, mas a todos que, de algum modo, retomam uma situação de conflito, de opressão de violência, como as inúmeras catástrofes cotidianas, que atingem as pessoas de maneira incessante na vida diária: fome, miséria, assaltos, estupros, sequestros, assassinatos, genocídios, trabalho infantil, repressão sexual, machismo, feminicídio, racismo etc.

Apreendendo o testemunho como da ordem da singularidade do memorável, trabalhando (n)o entremeio da Análise do Discurso e da Psicanálise, Mariani distingue dois tipos de testemunhos: *de resistência* e *de revolta*. Em suas palavras, os primeiros são

Aqueles que, com dizeres possíveis, lutam contra os sentidos dominantes das ideologias hegemônicas. Testemunhos que retornam ao indizível da história para não deixar cair no esquecimento o que foi uma violência. São testemunhos que lutam por justiça social, repetem à exaustão denúncias cometidas pelo Estado ou por familiares. São sujeitos que querem falar, ser ouvidos e divulgar o que dizem (Mariani, 2021, p. 20).

Eles são públicos, isto é, foram escritos, publicados, gravados etc. na “temporalidade do só-depois, quando se tenta dar sentido ao sem sentido vivenciado, quando o sujeito tenta dizer o indizível da morte” (Mariani, 2021, p. 21). Por sua vez, os *testemunhos de revolta* são, para a autora,

Aqueles que se propagam no calor da historicidade em que o laço social foi atingido. Os testemunhos de revolta são flagrados no cotidiano. São discursividades em que não é preciso um ousar para se revoltar, a revolta acontece no sujeito. A revolta se impõe ao sujeito. Os testemunhos de revolta se discursivizam na forma de gritos que não ficam calados, mas que rasgam o ar como acontecimento real no sujeito, um acontecimento do dizer que emerge na estrutura. Nos testemunhos de revolta, o inesperado do pensamento comparece para o sujeito, fazendo-o enunciar o sentido silenciado do que fora recalçado, de uma ideia recalçada (Mariani, 2021, p. 21).

Resumidamente, enquanto os testemunhos de resistência são formulados em um só-depois do acontecimento vivido, para que não haja um esquecimento e/ou um silenciamento das vozes das vítimas, circunscrevendo-se na fórmula *eu estava lá* (Ricoeur, 2007), os testemunhos de revolta emergem no próprio acontecimento, inesperadamente, o que poderíamos definir com a fórmula *eu estou aqui*. Todas essas questões estão sendo retomadas e discutidas no referido projeto, considerando: a incompletude constitutiva do sujeito, do discurso e do sentido; a relação entre o acontecimento traumático e o interdiscurso/memória discursiva; os efeitos de resistência que podem se instalar nas falhas do processo de interpelação do sujeito pela ideologia; e as especificidades da formulação e circulação dos efeitos de sentido do testemunho de sujeitos que são/foram vítimas de acontecimentos traumáticos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set./dez. 2015.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.
- LANGONE, A. #MeToo and Time's Up founders explain the difference between the 2 movements — and how they're alike. **Time**, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://time.com/5189945/whats-the-difference-between-the-metoo-and-times-up-movements/>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- LEVI, P. [1947] **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MARIANI, B. **Testemunhos de resistência e revolta**. Campinas: Pontes, 2021.
- ORLANDI, E. P. [1992] **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. [1996] **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012a.
- ORLANDI, E. P. [2001] **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012b.
- ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. Campinas: Pontes, 2017.
- PAVEAU, M. A. [2017] **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes, 2021.
- PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. [1969] Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2010a. p. 59-158.
- PÊCHEUX, M. [1983] Papel da Memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010b. p. 49-57.
- PÊCHEUX, M. [1983] **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. [1984] Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**, v. 1, n. 4, 2014.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- SALGUEIRO, W. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André do Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012.
- SALGUEIRO, W. **Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência**. Vitória: Edufes, 2018.
- SELIGMANN-SILVA, M. O Testemunho: entre a ficção e o "real". In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **Literatura, Memória, História: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 371-414.
- SELIGMANN-SILVA, M. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. In: SELIGMANN-SILVA, M. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005. p. 105-118.
- SELIGMANN-SILVA, M. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: ARAÚJO, M. P.; FICO, C.; GRIN, M. (org.). **Violência na história: memória, trauma e reparação**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012. p. 103-115.
- SELIGMANN-SILVA, M. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2022.